



12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

RESUMO EXPANDIDO

Grupo de Trabalho (GT): Convivência escolar e enfrentamento à violência: práticas que desenvolvemos para a melhoria da qualidade da escolarização

Modalidade do trabalho: Comunicação oral

Formato de apresentação: On-line

EDUCAÇÃO REDUCIONISTA E LÓGICA CAPITALISTA: RESISTÊNCIA EPISTEMOLÓGICA E HORIZONTE UTÓPICO

Rosa Soares Nunes¹

Alonso Bezerra de Carvalho²

Resumo

Este trabalho parte da crítica a uma concepção reducionista de educação que, alheia à relação intrínseca entre processos educativos e processos mais abrangentes de reprodução social, recorre a adjetivos eufemísticos (ex.: inclusiva, integrada) para ocultar seu papel instrumental na manutenção de uma ordem social violenta. O problema central reside na progressiva sujeição da educação ao capitalismo transnacional, que a converte em um mero subsetor da economia. Este processo gera um quadro de valores que, uma vez incutidos, legitimam os interesses dominantes. O objetivo principal é interrogar esta sujeição e, em sentido contrário, identificar as condições epistemológicas para uma educação emancipatória. Objetivos específicos incluem: a) analisar o carácter político e ideológico das escolhas técnicas e metodológicas na educação; b) investigar como a produção de conhecimento local, se não estruturada criticamente, pode ser cooptada pela lógica dominante; e c) reivindicar a dimensão utópica da educação como uma "nesga de memória e esperança" que resiste a essa subordinação. A metodologia baseia-se numa análise teórica crítica, dialogando com as tradições da pedagogia crítica e do materialismo histórico-dialético. Recorre à crítica conceptual de políticas e práticas educativas, examinando o seu papel na reprodução social. Os resultados desta análise indicam que o modelo hegemônico atual produz, com eficácia, uma subjetividade funcional para a acumulação de capital, neutralizando o potencial transformador da educação. Contudo, a discussão revela que o reconhecimento da não neutralidade das práticas educativas abre um espaço para a resistência. O aprofundamento criterioso da realidade local, quando articulado com uma consciência estrutural crítica, surge como um princípio metodológico fundamental para evitar tornar-se uma mera técnica a serviço da ordem estabelecida. Em conclusão, podemos afirmar que perante a instrumentalização funcional da educação, uma utopia emancipatória é necessária e possível. Esta utopia não é uma mera abstração, mas ancora-se numa práxis crítica que denuncia os eufemismos do sistema e anuncia, a partir da memória coletiva e da esperança, a construção de uma educação que verdadeiramente pertença ao mundo, enquanto prática da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Transformadora, Determinação Social, Materialismo Dialético, Crítica ao Capital..

¹ Doutora em Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: rosasoaresnunes@gmail.com

² Doutor em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília-SP, Brasil. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

1 INTRODUÇÃO

Esperar da sociedade mercantilizada uma sanção activa – ou mesmo mera tolerância - de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental.

István Mészáros

Partindo das *Teses sobre Feuerbach*, de Karl Marx, compreendemos que a realidade sócio-histórica é um duplo jogo: o homem é determinado pelas suas circunstâncias, mas também é seu criador. A coincidência entre a mudança das circunstâncias e a atividade humana só pode ser entendida como prática revolucionária ou transformadora. Na mesma linha, Mészáros, em *A educação para além do capital* (2008), argumenta que as instituições educativas estão estritamente integradas na totalidade social, sendo que apenas uma concepção ampla de educação pode almejar uma mudança que rompa com a lógica do capital. Este trabalho busca refletir sobre os limites das reformas educacionais no interior de um sistema capitalista irreformável, articulando a teoria crítica com um episódio biográfico que explicita as contradições e violências inerentes a essa ordem social. O objetivo é evidenciar como o sistema educativo, longe de ser um agente de libertação, atua frequentemente na produção de um "sujeito mínimo" funcional à acumulação capitalista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O pensamento de Marx e Engels fornece a base para esta análise. A premissa de que "não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência" é fundamental. Esta perspectiva materialista dialética revela como a divisão social do trabalho é o eixo articulador da exploração e interfere no desenvolvimento do indivíduo (Marx; Engels, 2004). A educação, neste contexto, não é neutra. Conforme ampliado por pensadores como Paulo Freire (apud McLaren, 2001), a educação deve ter o propósito de transformar – e não apenas interpretar – as estruturas econômicas geradoras de exploração.

Zemelman (2004) alerta que o modelo capitalista atual necessita de um cidadão acrítico e conformista, um "sujeito mínimo" que não exerça pressões sobre o sistema. Esta construção é sustentada por uma "violência estrutural" (Maldonado, 2004) que

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

naturaliza a desigualdade, transformando sujeitos em objetos. Prigogine (1986) reforça que a atividade científica não pode ser separada do mundo a que pertence, uma ideia que se aplica diretamente à pesquisa em educação, frequentemente alheia aos caminhos tomados pela realidade dinâmica.

3 METODOLOGIA

Esta reflexão adota uma abordagem teórico-reflexiva, ancorada na análise crítica de conceitos do materialismo histórico, da filosofia da educação e da psicologia histórico-crítica. O método articula a teorização clássica e contemporânea com a análise de um episódio autobiográfico, tratado como um *caso ilustrativo* das contradições sociais postas em evidência pelo referencial teórico. O episódio do transporte de um piano - quando, na mudança para o 2º andar do prédio sem elevador aonde vivia - serve como um microcosmo que permite desvelar macroestruturas de dominação, alienação e a naturalização da violência no trabalho, conectando a experiência pessoal imediata com a totalidade social.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do episódio vivido – o transporte do piano por quatro homens – revela o peso de uma determinação social que nos custa admitir. A cena expõe a sujeição a um trabalho desumano, que a sociedade neutraliza chamando-lhe "trabalho honesto". Este momento de "pequena história" desvela a auto-alienação e a violenta "harmonia" do *modus vivendi* capitalista.

As interrogações que surgiram – "Porquê esta sujeição? Porque não a transgressão?" – levam a uma discussão sobre a lei como instrumento de dominação de classe. Enquanto o roubo de um bem básico por alguém sem poder é diabolizado, a espoliação naturalizada do trabalho não pago (a extorsão da mais-valia) é camuflada por eufemismos semânticos, com a nossa cumplicidade passiva.

Estamos a viver hoje, seriamente, o que é o capitalismo: sem equilíbrios internos, sem contrapoderes consequentes, desenfreado o que se viveu até agora, mais parece a antecâmara de um perigoso jogo que, velozmente, vem retirando sentido às vidas de quem nem vislumbra que o jogo está estruturalmente viciado.

Como nos dá a entender Zemelman (2004, p. 33), encontramos-nos face a um modelo que, para se reproduzir e amplificar, necessita da ausência de pressões. Esta

Realização



Financiamento



Apoio





SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

situação exige um tipo de cidadão acrítico, conformista, amedrontado, com um profundo sentimento de abandono. Do que se trata, então, é de criar um "sujeito mínimo": mínimo no desejo, mínimo no interrogar, resignado, já que um ser humano assim não pressiona, aceita.

Esta lógica perpassa o sistema educativo. A violência dos mercados financeiros mina as bases para um sistema alternativo. A educação, nesse cenário, não fomenta o pensamento crítico, mas produz currículos mínimos para as massas, enquanto uma pequena elite é formada para gerir o sistema. Cria-se, assim, uma "assimetria sócio-cognitiva" que legitima a divisão social do trabalho e a distribuição violenta de recursos e poder, cumprindo os desígnios de reprodução da ordem hegemônica. O discurso emancipatório é, muitas vezes, apropriado e esvaziado pelo capital, que arquiteta um quadro curricular funcional à inserção no mercado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme sugerido no início, se por um lado estamos determinados por condições culturais, institucionais e econômicas, por outro, somos também criadores das circunstâncias. Existe um espaço de autonomia e indeterminação não redutível a uma lógica simplista de causa e efeito. A realidade sócio-histórica é plástica e dinâmica, e o inacabamento dos processos históricos abre margem para a ação transformadora.

A tarefa urgente, portanto, é recuperar a "ampla concepção de educação" como a "vida vivida", tal como proposta por Mészáros, e a práxis amorosa e coerente de Paulo Freire. Trata-se de negar a resignação do "sujeito mínimo" e lutar por uma educação que, conectada com a realidade, seja de fato uma prática de liberdade, capaz de questionar e transformar as estruturas desumanizantes do capital. O caminho, como sugere o poema, não está pré-determinado; são as nossas pegadas que o criam.

REFERÊNCIAS

LOURENÇO, E. **O esplendor do caos**. Lisboa: Gradiva, 1999.

MALDONADO, S. Introducción. In: ZEMELMAN, H. et al. **La escuela como territorio de intervención política**. Buenos Aires: CTERA, 2004.

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

McLAREN, P. “Uma pedagogia da possibilidade: reflexões sobre a política educacional de Paulo Freire”. In: **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP (FEU), 2001.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança**. Lisboa: Gradiva, 1986.

ZEMELMAN, H. et al. **La escuela como territorio de intervención política**. Buenos Aires: CTERA, 2004.

AGRADECIMENTOS

À FAPESP (Processo 2024/01116-7), com o financiamento para o Centro de Ciência para o Desenvolvimento da Educação Básica (CCDEB) e ao CNPq (Processo 100540/2024-4), com a bolsa de Pós-Doutorado Sênior.

Realização



Financiamento



Apoio

